

Artigo de Comunicação

RESGATE DO ESPAÇO PÚBLICO E UMA NOVA CONSCIÊNCIA CIDADÃ: O CASO DA FAVELA CIDADE DE DEUS EM FORTALEZA, CEARÁ

PURSUANCE OF PUBLIC SPACE AND A NEW CITIZEN AWARENESS: THE CASE OF THE CIDADE DE DEUS SLUM IN FORTALEZA, CEARÁ

Emilio Tarlis Mendes Pontes
Universidade Federal de Pernambuco – LECGEO
emiliopontes @oi.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as mudanças ocorridas no bairro São João do Tauape (Fortaleza-CE) e adjacências com a criação de uma nova favela, denominada Cidade de Deus, e a mudança de alguns hábitos sociais, sob a ótica da utilização do espaço público a partir da geração de violência e medo aparente constituídos e vivenciados na área, especialmente após a criação da favela, que trouxe consigo problemas de sociabilidade correlativos a forma de organização da vida do bairro e conseqüentemente do espaço público e cidadão. Para a elaboração do trabalho, a metodologia utilizada se baseia em revisão da literatura e experiência empírica, trabalhando com as categorias de análise violência, medo e território, buscando contextualizar a experiência vivida e a intensificação do conflito entre insegurança e o cotidiano do bairro. Torna-se assim, uma contribuição para o entendimento de outras possíveis relações similares e paralelas.

Palavras-chave: violência, medo e insegurança, favela Cidade de Deus, bairro São João do Tauape (CE).

ABSTRACT

This work has as purpose present the occurred changes in São João do Tauape residential quarter (Fortaleza-Ceará) and adjacencies with a new slum quarter creation, called City of God, and the change of some social habits, under the optics of the public space use, from the generation of constituted and lived deeply violence and apparent fear in the area, especially after the slum quarte creation, which brought with it sociability troubles correlatives the quarter's life organization way and consequently public space and citizen. For elaboration this work, was used methodology bases on literature revision and empirical experience, working with the categories of violence's analysis, fear and territory, searching to insert the lived experience and the intensification of the conflict between unreliability and the quarter daily. One becomes thus, a contribution for the agreement of other possible similar relations and parallel bars.

Keywords: violence, fear and insecurity; Cidade de Deus slum, São João do Tauape (CE) neighborhood

1. INTRODUÇÃO

O habituar-se ao medo e a violência vem se tornando uma das características marcantes nas relações sociais dos médios e grandes centros urbanos. Como se tem a sensação de que estamos sempre correndo em desvantagem em relação a esta difícil situação, buscamos adquirir ou portar objetos que nos levem a ter a impressão que podemos com eles reduzir esta inferioridade, tais como cercas elétricas, segurança privada, celulares, cães e para quem tem maior poder aquisitivo, aquisição de seguros e até mesmo carros blindados.

O lugar público é a constituição da própria realidade, pois é o lugar da aparência, isto é, daquilo que é visto e ouvido pelos outros e também por nós mesmos (Arendt, 1994). Porém, algumas opções mais radicais já podem ser claramente vistas como o fato de não ir com certa frequência a lugares públicos, outrora bem utilizados, com plena tranquilidade e sensação de segurança.

O conjunto de crenças e sentimentos dos membros de uma mesma sociedade, acaba por formar um sistema determinado que possui vida própria, isto é, a consciência coletiva, que é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram (Durkheim, 1978 *apud* Barreira, 2007). Aos poucos, esta consciência coletiva vai se constituindo numa sensação clara onde é preciso cada um tomar conta de si, pois não há uma real e eficaz proteção exógena. O reflexo é marcadamente visível nas relações de proximidades e de grande convivência, como é o caso dos bairros.

O medo urbano vem ganhando corpo e, com muita facilidade, percebemos as transformações, como não há tanto tempo, onde muitas casas tinham escrito em suas fachadas a palavra lar. Hoje, estas mensagens mudaram completamente, o acolhimento cedeu lugar a placas com outros dizeres, como “cuidado, cão feroz” ou “segurança eletrônica 24h”, isto quando não tem, concomitantemente, cercas eletrônicas ou vigias fixos e/ou aqueles que fazem ronda com bicicleta ou motorizados.

2. CIDADANIA, VIOLÊNCIA E MEDO

O conceito de cidadania é plausivelmente associado aos direitos e deveres sociais e ao princípio

da livre expressão, incluindo questionamentos a atitudes com as quais não compactuamos plenamente. A cidadania é conquistada pela sociedade democrática e seu exercício crer na presença de mecanismos institucionais em amplo funcionamento com normas comportamentais compartilhadas por uma maioria cidadã (Barreira, 2007).

Atualmente, é percebido claramente que o medo é capaz de gerar uma intimidação contra os atos de cidadania, em um grau que vai de encontro às condições fundamentais de sobrevivência condigna na cidade. Segundo Barreira (2007) se referindo a Arendt (2000) o convívio entre pessoas na sociedade democrática pressupõe a obrigação de escapar da esfera da necessidade para situar-se em um espaço qualitativamente diferente. O plano da ação e do discurso implica que as pessoas realizam sua capacidade de falar e atuar, tornando-se desse modo cidadãos de direitos. Se o medo produz o silêncio ele coopera para que a indignação aflore, perdendo sua capacidade de transformação.

De acordo com Barreira (2007), existem dois tipos de violência: a violência urbana, que é visível e se processa para fora e a que acontece por falta de sociabilidade. São várias ações que são inibidas tendo em vista impedir diversos formatos de vulnerabilidade social. Desta forma, chegasse a um ponto em que o medo leva a uma diminuição da cidadania, já que produz a inibição e a diminuição do comparecimento e utilização plena das pessoas nos espaços públicos. A partir disto, a noção de cidadania é colocada em xeque na cidade que se quer ter e habitar.

Frequentemente a busca por proteção está sendo feita nas edificações das residências individuais, tidas como mais seguras. Um dos recursos que estão sendo cada vez mais recorridos é a construção de muros altos que acabam por simbolizar esta solução individual e a abdicação, por precaução ou preconceito, do convívio nos espaços coletivos, principalmente os que não estão nos circuitos das classes mais ricas.

Seguindo os parâmetros dessa nova forma de segurança, gerado do significado de intranquilidade, está a base das construções arquitetônicas. Um tipo de arquitetura do medo se desenha e toma forma nas cidades, refletido na disposição das residências e nos isolamentos profundos entre o dentro e o fora. Tudo

isto vem gradualmente sendo estampado nas edificações citadinas e amplamente divulgado quando se trata de novos condomínios, por exemplo, que estão sendo construídos e colocados à venda. Este novo padrão de organização espacial é designado de “enclaves fortificados” e tem vínculo direto com o medo do crime, especialmente os mais bárbaros e com requintes de crueldade. Este conceito de enclaves fortificados refere-se aos espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, lazer, consumo e trabalho. Trata-se na realidade de uma forma de segregação que reforça as distâncias sociais e preconceitos já arraigados (Caldeira, 2003).

Este conceito de segregação faz referência à separação espacial entre grupos ou conjunto de indivíduos, com base em diferenciações sociais. É importante considerar, nas configurações atuais de segregação, a distribuição do espaço público em um movimento adverso aos processos históricos de expansão da cidade. Os eventos acontecem como se os componentes do ideal de cidade fossem recusados no dia a dia dos habitantes. Observa-se isto nas atitudes de contenção que são tomadas hoje, quase lembrando um ritual, pelos moradores urbanos, como não sair de casa em certas horas do dia ou da noite, caminhar apressadamente e atentamente, não levar consigo objetos de valor, não parar o carro na porta de casa e ficar dentro do automóvel, conduzir os veículos sempre com os vidros fechados, etc.

Estes posicionamentos, inclusive, são uma manifesta opinião amplamente divulgada pela mídia em diversos programas voltados ao cotidiano violento de algumas metrópoles e que em Fortaleza são vários, transmitidos de segunda a sábado, normalmente em horário de intervalo para almoço, e possuem altos índices de audiência mesmo se tratando de programas com produções locais (Salmito, 2007).

Estas atitudes compõem uma série de interdições incorporadas pelos moradores urbanos que embora não estejam prescritas em nenhuma lei ou código são de conhecimento e de hábito freqüente. O medo de morar na cidade cria e fortalece pareceres negativos de classificação, que podem se traduzir em preconceito contra negros, pobres, homossexuais e faz retroceder o valor da diversidade do qual a cidade era exemplar. Nasce o perigo da xenofobia, do racismo, da homofobia, que são manifestações arbitrárias que consistem em designar o outro como o

contrário, o inferior ou anormal (Pocahy, 2007 *apud* FREITAS, 2007).

Assim, de acordo com os segmentos sociais classificados como inferiores são vistos à luz da sujeição criminal, que é a seleção preventiva acerca das supostas pessoas que irão formar um tipo social de caráter considerado como propensas a cometer um crime, e da sujeição à exclusão, que é a expectativa socialmente formada a respeito de alguns indivíduos ou grupos sobre os quais se imagina a impiedosa exclusão do mercado de trabalho a partir da avaliação prematura de suas habilidades e disposições para assumir posições na economia formal e informal (Misse, 2006 *apud* Freitas, 2007)

Uma outra forma de violência muitas vezes nem sempre tão transparente e perceptível para o senso comum é a violência simbólica operando de maneira silente e menos manifesta. Ela é incorporada inconscientemente na forma de ver o desconhecido, de não ir a lugares tidos como suspeitos ou mesmo andar nos espaços que no passado foram bem utilizados (Barreira, 2007). No grau em que o medo provoca o silêncio leva a retração e ao conformismo, a acreditar que as coisas não têm mais solução e que tendem a piorar. As ocorrências são muito divulgadas e a mídia faz questão de apresentá-las fazendo com que todos se lembrem.

3. A CIDADE DE DEUS

Dentro deste contexto de violência, cidadania, medo e utilização do espaço público, um caso bastante característico desta temática é o que está ocorrendo no bairro São João do Tauape, que engloba a favela do Lagamar e a nova ocupação denominada Cidade de Deus.

São João do Tauape está localizado na zona leste da capital cearense (Figuras 1 e 2). É um bairro tradicional da cidade e fica a cerca de 5 km do centro de Fortaleza. Tem em sua constituição, desde a década de 70 do século XX, uma ocupação conhecida como favela do Lagamar, que margeia um canal de um dos principais cursos d’água de Fortaleza, o Rio Cocó. Do lado esquerdo do canal, o Lagamar pertence ao bairro Aerolândia, do lado direito, ao São João do Tauape.

Como está localizado em uma área de risco de enchentes, notadamente no período chuvoso da

cidade entre janeiro e junho (Lima *et al.*, 2000) desde sua gênese é marcada como lugar de difícil moradia, por não apresentar infra-estrutura e um mínimo de condições de vida digna e cidadã para quem lá habita.

Além disso, uma possível ausência de educação ambiental aliada a uma má coleta de lixo faz com que grande parte dos moradores despejem dejetos no canal, o que piora as condições sanitárias quando este transborda. A sua população, na grande maioria, é visivelmente de baixa renda, sobrevivendo, quando muito, através de subempregos.



Figura 1 - (à esquerda): Mapa da localização da cidade de Fortaleza. Fonte: IBGE, 2008.

Figura 2 - (à direita): Mapa do bairro São João do Tauape, em Fortaleza. Fonte: HEMOCE, 2008.

Com o passar dos anos, além das carências de moradia, ausência de saneamento básico e pólos de lazer, o bairro também se tornou um lócus de ponto de apoio ao tráfico de drogas, que envolve boa parcela da população, especialmente jovem, lá residente. No início do século XXI, com o inchaço do Lagamar, muitos foram procurando novas glebas para morar e uma nova ocupação se materializou em São João do Tauape, contígua ao Lagamar: a Cidade de Deus (Figura 3). Esta trouxe em seu bojo um difícil e cruel aspecto que influenciará diretamente no cotidiano de todos os moradores do bairro e adjacências: o aumento da violência e da criminalidade, e por conseqüência, da sensação de insegurança e medo aparente.



Figura 3 - Localização da favela Cidade de Deus (vermelho) e Lagamar (verde) em Fortaleza. Fonte: Google Maps, 2008.

A Cidade de Deus se tornou símbolo de amparo de marginais, de local sem lei, quase impenetrável ao poder constituído, às autoridades policiais. Um ponto de desova de roubos e assaltos e uma zona de especial precaução por quem passa perto, pelo fato de que possa sofrer um assalto a qualquer momento.

A partir da minha experiência vivida por mais de 15 anos na Associação de Moradores do Lagamar e pelos anos de debate com os moradores, observamos que uma das causas pelo qual esta favela teve especial atração para a marginalidade e assim espalhar o medo nos moradores é, atribuída a repulsa dada pelas pessoas da favela do Lagamar que já estavam saturados com tanto descaso social, político, ociosidade, violência, movimento de drogas e que assim, estas pessoas foram se fixar numa gleba existente nas proximidades, gerando destarte a característica marcante da Cidade de Deus. Isto não significa que lá morem apenas marginais ou pessoas predispostas a cometerem crimes e infrações, há os cidadãos de bem que também estão residindo e procuram tocar a vida de forma normal.

4. O RESGATE DO ESPAÇO PÚBLICO E CIDADÃO

O espaço é anterior ao território, ele é formado a partir do espaço, sendo assim, é uma dimensão encenada e conduzidos por seus atores via imagens, atos e palavras. É, portanto, dinâmico. Numa perspectiva tradicional, a cidade concebe um lugar geográfico delimitado, seja com fronteiras por vezes tácteis. Nela, encontramos subdivisões, que são os bairros. A sua ocupação está enlaçada de valores estéticos, de imagens, maneiras de viver e de se

mover. Mas existem os limites da cidade que são reproduzidos em áreas de atuação, as áreas de classe alta e média e baixa, onde o contingente policial está marcadamente presente e muitas vezes se vale do uso da força onde nasce um certo descontrole e formação de um cenário de violência (Raffestain, 1993 *apud* Diógenes, 2007).

A cidade é bem mais que apenas um espaço físico. Nos bairros, em geral, mantemos contato com os moradores locais e com os que apenas vem frequentar irregularmente, seja por motivos familiares, de amizade ou a trabalho. Isto faz parte da dinâmica da cidade. A exclusão não é, *a priori*, como o medo, algo natural (Barreira, 2007). Se a cidade é o lugar onde as diferenças se encontram, é presumível que nessas relações haja casos intensos ou mais passageiros. Contudo, nesta relação existem muitos códigos de conduta, no qual, há muitos séculos, a ordem social impõe a necessidade de dependência coletiva por meio do mando, do poder de uns sobre outros.

Com isto, ao rememorar o bairro de São João do Tauape, através de relatos com as pessoas que ali moram há mais tempo encontramos depoimentos sobre as formas usuais de utilização de dados espaços que eram uma prática comum e pode-se dizer faziam parte de um rito urbano de convivência como realizações de caminhadas, permanência nas calçadas ao entardecer, frequentar as igrejas e capelas, visitas a vizinhos que são atitudes corriqueiras que constituem a vivência coletiva do dia-a-dia. Essa convivência faz parte das origens do espaço público, das regras da coexistência coletiva, como os cumprimentos e a cordialidade entre as pessoas, mesmo não sendo familiares ou colegas, isto é, são os códigos de civilidade (Sennet, 1999 *apud* Barreira, 2007). O medo, porém, existia, mas não possuía um semblante. Os locais mais perigosos eram de conhecimento dos moradores e até mesmos os indivíduos que não tinham uma conduta ética condizente com as formas civilizadas e aceitáveis pela sociedade.

A produção de um sentido apropriado de cada indivíduo a partir de um conjunto de imagens forma todo um conjunto de símbolos urbanos. Neste contexto, os jovens têm um grande significado por serem atores de ampla representação e produção de um modo de ser próprio (Diógenes, 2007). Nas

grandes metrópoles, e Fortaleza não foge à regra, os jovens compõem essa dinâmica da comunicação urbana. Eles andam, movimentam-se, exibem estilos individuais, alardeiam sua forma de ser, seu formato de vida.

No caso da Cidade de Deus e do bairro São João do Tauape, as pessoas que mais estão trazendo e impondo o medo são exatamente uma parcela dos jovens do sexo masculino, cujo *modus operandi* é a utilização de bicicletas para praticarem assaltos, preferindo notadamente os mais idosos e as mulheres, espalhados pelos semáforos, abordando e assombrando os condutores e passageiros dos veículos ou mesmo entrando nas residências, pelos telhados ou pulando os muros. Segundo a opinião de alguns moradores, a própria vestimenta, o desleixo com a aparência e o frequente uso manifesto de cigarros ou outras drogas também compõem um imaginário estereotipado de que estão prestes a cometer alguma ação contra quem passa ou mesmo para quem está nas calçadas de suas casas ou nos lugares abertos, como certas aglomerações, tipo lanchonetes e restaurantes.

A violência juvenil representa assim, um formato de se expressar, mas de maneira bem radical, mesmo que paguem com o preço da vida, ou fiquem com fortes seqüelas. Também pode representar um apelo da parte deles por se sentirem excluídos, um desejo incontido por se sentirem excluídos, marginalizados.

Na Cidade de Deus, a ausência de centros e espaços que trabalhem, por exemplo, com esporte, educação e cultura, faz com que não haja uma mobilização por onde se canalize as energias da juventude que ali habita.

Para os moradores de São João do Tauape, incluindo o Lagamar e agora a Cidade de Deus, uma das carências percebidas é a falta de uma praça central que é uma materialidade muito presente na maioria dos bairros. Sendo assim, um dos poucos pólos de convergência é a Igreja Matriz, mas esta mesma igualmente não possui uma praça ao seu redor.

Deste modo, a própria festa católica anual do padroeiro do bairro, o novenário de São João Batista, que é comemorada no mês de junho, sempre foi um marco, pois é um período curto mas intenso de acolhimento, religiosidade, conagração e

reencontro das pessoas que moram no bairro e arredores e daquelas que já se mudaram, mas sempre vem rever amigos e familiares, e que sofreu alterações em seu local de realização. Os festejos aconteciam nas ruas ao redor da Igreja Matriz, à noite.

Com a crescente onda de violência e com as ameaças que possíveis grupos de assaltantes da Cidade de Deus iam realizar arrastões nas barraquinhas montadas defronte a sede paroquial, depois de mais de quarenta anos sendo comemorada ao ar livre, a parte social da festa foi transferida para um recinto fechado, vigiado por seguranças, gerando muita insatisfação por parte dos participantes, pois o que era uma festa tradicionalmente pública, tornou-se um evento fechado, onde as trocas, as relações de vizinhança ficaram restritas a um pátio dentro de quatro paredes (Figura 4).

modelo de funcionamento social falido no alcance da cidadania.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contextualizar a Cidade de Deus dentro das questões de resgate do espaço público cidadão e violência, percebe-se que os credos, as condutas, os códigos éticos e as leis devem visar uma busca de conter os atos perturbadores do nosso cotidiano. Quando este fica dissonante, observa-se a importância da emergência da criação de serviços sociais que atenuem dadas situações conflitantes, pois a violência está inserida num nível abrangente de dominação social. Ela está nas estatísticas, nos noticiários, no imaginário e na realidade, percorrendo os caminhos não ruidosos do nosso cotidiano.



Um dos aspectos peculiares das ações ocorridas nas adjacências da Cidade de Deus é exatamente o contraste, a natureza segregadora muito perceptível em grandes metrópoles. Isto produz lugares bem definidos para os mais abastados e os pobres. Enquanto os primeiros têm acesso a equipamentos, serviços, casas e condomínios com as proteções físicas disponíveis, isto é, agregam indivíduos de determinado nível de renda em local privilegiado, a Cidade de Deus agrega exatamente o oposto, sendo excluída e desprovida destes serviços.

A caracterização da Cidade de Deus como um lócus que está espalhando a insegurança e violência em seus arredores gera, com diz Sá (2007) uma situação de suspensão da contextualização das práticas humanas, pois é o extermínio da inteligência coletiva, escondendo o ódio social e coletivo, um

A grande provocação, portanto, é conseguir transformações no comportamento e nos valores, na esperança da reconstrução de uma convivência baseada na importância dos direitos humanos. A mobilização social está entre uma das possíveis alternativas para o início dessa mudança.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. 1994. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Barreira, I. A. F. 2007. A cidade e o medo. In: Segurança, violência e direitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, n. 02, p. 33-48
- Caldeira, T. P. 2003. Cidade de muros. 2 ed. São Paulo: EDUSP. 399 p.

Centro de Hematologia e hemoterapia do Estado do Ceará – HEMOCE. 2008. Disponível em <<http://www.hemoce.ce.gov.br/imagem/mapa/mapafortaleza.gif>> Acessado em 10/10/2008.

Diógenes, G. 2007. Juventude, cultura e violência. In: Segurança, violência e direitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, n. 12, p. 193-208.

Freitas, G. J. 2007. Estado, segurança pública e combate à homofobia. In: Segurança, violência e Direitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, n. 05, p. 81-96.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2007. Cidades@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> . Acesso: em 05.out.2008

Lima, L. C., Morais, J. O. & Souza, M. J. N. 2000. Compartimentação territorial e gestão regional do Ceará. Fortaleza: FUNECE.

Sá, L. D. 2007. Cultura, violência e subjetividade. In: Segurança, violência e direitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, n. 06, p. 97-112.

Salmito, R. R. 2007. Mídia e violência. In: Segurança, violência e direitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, n. 07, p. 113-128.